

23-11-2023

Diálogos internos em ideias ... de Krenak (III)

## PROSAS ancestrais

Adelany França

[Mestranda Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Fiocruz]

Em *Ideias para adiar o fim do mundo* - título para provocar como fala Ailton Krenak - este autor e líder indígena aborda temas densos e impactantes com suavidade, bom humor e muita simplicidade. Traz sua indignação e nos faz refletir de que forma nos tratamos como humanidade, e porque estamos buscando manter a coesão de nosso espaço como seres em algo fora de nós. *“Somos mesmo uma humanidade?”* Estamos num tubo transgeracional, preenchido pela força ancestral que nos integra. Em nossa humanidade somos um universo que é de todos, que nos compõe. Nós somos muitos, e o nosso existir vai dar condições para o existir de muitos depois de nós. *“Se a maioria de nós está alienada do mínimo do exercício do SER, como vamos nos enxergar como humanidade?”* Árvore alguma dará frutos com as raízes arrancadas. O significado de ancestralidade para o sentir de Krenak tem a sustentação necessária para a percepção de nossa própria identidade e humanidade em nós, fundamentalmente a Natureza. *“A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.”* *“Estamos vivenciando um progresso a serviço de que humanidade?”* A percepção de Krenak nos leva a refletir a existência de uma bactéria perversa, que se diz SER, e ainda HUMANO, que come o planeta com uma gula exterminadora que despreza a sua natureza e vive às sombras de um progresso ditado pelo impulso da sociedade moderna, que a cada dia obscurece as possibilidades de uma vida humana. *“O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno.”* .....

Somos sobreviventes no hoje do fim do mundo que alguém adiou para nós. Viver deve ser uma experiência muito mais instigante que viver num automático de uma dita vida, que nos fez acreditar que ter todas as coisas seria o importante para a manutenção da vida, para ter possibilidades de consumir para ser consumido pela angústia de dias que nos fazem lembrar do nada, sem as emoções que nos alimentam a alma. O extraordinário em nós e em nossa existência humana está para além das coisas. Temos um mundo de coisas e tudo faz parte de um mundo que não nos dignifica, nos põe a reclamar o que não alcançamos como meta ao final do dia e não agradecer a cada movimento simples

concretizado ao fim dele. Adiar o fim do mundo acontece a cada sorriso dado em seu genuíno e em uma vida diária atravessada pelo sentido do existir com um para quê. Krenak traz um importante debate para uma reflexão sobre o vínculo com a memória ancestral. Para ele a conexão com a humanidade se dá com a sustentação e a força para uma identidade com o sentir da natureza em sua própria natureza, com as possibilidades do hoje em virtude de um ontem e com o amanhã ainda sendo nós, nos nossos, os que por aqui ficarão; seguindo com as gerações futuras afetadas pelas contribuições que deixamos no hoje. ....

Ecoa a voz do nosso povo de nós para nós, nossas referências estão em nossa caminhada com o ser em nós dos nossos, em nossa humanidade com a nossa natureza, o apagão da vida se faz ao nos desconectarmos do amor, da mãe Terra e de nossa ancestralidade. A natureza e a humanidade têm brilho em sermos parte e seremos sempre a partir do todo. A superficialidade das coisas e do sentir nos tira da rota de nossas humanidades e nos leva para a segregação e a exclusão; o fugaz, na geração do verbo ter, ação para o consumo desenfreado de um dito desenvolvimento que confronta a validade de métodos científicos e a existência de nações, povos capturados pelo mercado. A vida como uma experiência faz de todos nós cientistas. Contudo a vida está sem o sentido compensatório do viver e do descender; a vida está no frenesi; a vida moderna está impregnada do crer que todas as coisas e que todas as prateleiras estão com coisas que são imprescindíveis ao nosso viver.

O desenvolvimento de pesquisas e projetos científicos está voltado para atender ao mercado. A naturalização da falta se dá em todas as instâncias em cada pedacinho de chão, a síndrome da escassez está instalada na modernidade, a necessidade de acumular e não ter percepção do movimento que é a ciência, que é a cidadania, de como fazer valer as políticas públicas, o fato de estarmos anestesiados para as tragédias sociais, com ambientes de fim de mundo instalados em todo canto e a cada instante; e uma cegueira para a dor social cada dia mais grave são as estradas que nos conduzem para o fim de muitos mundos, mundos que já estão com sua draga instalada em sua causa.

Por onde anda o recanto tranquilo e o acolhimento apaziguado

para uma vida digna? Em uma pandemia, como a que passamos em tempo recente, quando a humanidade morre e seu mundo está no fim, o todo ainda continua – crianças nascendo, vegetais brotando a partir de sementes, que são o renascer de todos os mundos que já existem.

Mesmo com inúmeras mortes, mesmo assim, o dia nasce, ainda com muitos mundos se acabando, a luz do sol surge todos os dias, mesmo encoberta pelas nuvens.

Os mundos têm o seu início e fim, e a vida se faz para que a morte como finitude aconteça, e a permanência dos mundos se faz com as nossas escolhas.

■ ■ ■

Referência: Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.